

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

BARCELOS EM FESTA

ORDEM E TRABALHO

Éco dos grandiosos festejos em Barcelos—Alegria Regional pelo Trabalho Nacional—Uma consagração apoteótica á Obra do Estado Novo—Cem mil pessoas, dos quatro cantos de Portugal, aqui vieram prestar o seu patriótico concurso á Festa Nacional do Trabalho—Uma grande Parada Agrícola e uma imponente Parada de Forças Vivas! Enquanto a Espanha anarquizada se vai afundando num mar de lama e de sangue, o povo português levanta-se e caminha na vanguarda do progresso!

Portugueses! Que a nossa divisa seja agora e sempre: **ORDEM E TRABALHO.**

As Festas das Cruzes, valorizadas este ano pela Festa do Trabalho Nacional, foram imponentíssimas. Não há palavras, não há frases, capazes de traduzir fielmente o que foi o maravilhoso cortejo do Trabalho.

Estamos em crêr que excedeu o cálculo mais optimista. Barcelos, marcou. Barcelos, excedeu-se—como disse no banquete o sr. dr. Mário Paes de Souza, ilustre ministro do Interior.

O tempo, verdadeiramente excepcional, contribuiu imenso para o brilhantismo das Festas.

Todos os barcelenses se devem sentir vaidosos, pelo sucesso das Festas e nenhum barcelense, deve regatear parabens às várias comissões.

Na verdade, todos os individuos que trabalharam na organização das Festas, merecem felicitações de todos os seus conterrâneos.

* * *

O espectáculo que Barcelos ofereceu aos milhares de forasteiros, seus hóspedes nos dias 1, 2 e 3, já a estas horas todos os portugueses o sabem, pela imprensa diária.

Os maiores diários portugueses, com grande desenvolvimento, fizeram já a reportagem das Festas de Barcelos, especialmente do Cortejo do Trabalho, comemorativo do 1.º de Maio que decorreu no meio da mais efusiva alegria, sem greves, bombas ou sangue, como era (nalguns países ainda é) costume em tal data.

E todos esses diários se sentiram incapazes de traduzir com exacta realidade, a grandiosidade desse dia.

Na impossibilidade de darmos uma ideia aproximada da retumbância das Festas das Cruzes, não podemos de deixar de registar, nalgumas notas muito resumidas os seus principais acontecimentos.

Mas, como sabemos ser impossível elucidar, nessas pequenas notas, os nossos leitores que não tiveram a felicidade de presenciar as Festas, antes de iniciarmos a nossa pequena reportagem, enviamos os mais efusivos parabens à Comissão das Festas das Cruzes.

A chegada dos ministros

O sr. dr. Mário Paes de Souza, chegou no comboio das 9,40, acompanhado pelo seu chefe de gabinete e governadores civis de Braga e Porto. Apesar da sua chegada não ser convenientemente anunciada, compareceram na estação, a apresentar cumprimentos; os srs. Miguel Miranda, presidente da Câmara; dr. Joaquim Paes, presidente da C. de l. e Turismo; Francisco Torres, administrador do concelho; dr. António Pedrosa Pires de Lima, presidente da comissão local da U. N.; dr. Miguel

Fonseca, presidente da Associação Commercial; dr. Matos Graça, presidente do Sindicato Agrícola; Emílio Moreira, pelos Sindicatos Nacionais, dr. Francisco Torres, João Cruz, João Luis Ferreira, pelos «Alcaides de Faria» e rev.º Joaquim Gaiolas.

Formavam a guarda de honra piquetes dos voluntários de Barcelos e Barcelinhos. S. Ex.ª o sr. ministro do Interior foi recebido com palmas e vivas ao Estado Novo e aos Chefes da Revolução Nacional pela multidão que se encontrava dentro e fora da estação.

Entre vibrantes aclamações S. Ex.ª tomou lugar num automóvel, dirigindo-se para o palacete do sr. José de Beça e Menezes.

Mais tarde, vindos de Santo Tirso, chegaram de automóvel os srs. drs. Teotónio Pereira e Rebelo de Andrade, respectivamente ministro do Comércio e Sub Secretário das Corporações.

O Cortejo do Trabalho

O imponente cortejo do Trabalho, iniciado pelas 15 horas, foi presenciado, numa tribuna de honra, erguida na avenida do sr. dr. Oliveira Salazar pelos membros do governo, Arcebispo Primaz, Governadores civis de Braga e Porto, cônsul da Roménia e esposa, poetisa romena Helena Vacaresco, António Ferro e D. Fernando de Castro, deputados drs. Ângelo César e José Nolasini, Conde de Aurora, autoridades locais e muitos outros convidados.

Entre manifestações apoteóticas a magnífica parada do Trabalho inicia a marcha, precedida pela banda dos alunos do Colégio dos Órfãos de S. Caetano, de Braga. Logo a seguir alinhavam, numa atitude de impecável disciplina, os alunos e as alunas das escolas primárias do Concelho. As crianças vestiam saia ou calção azul e blusa branca e eram comandadas por outras que erguiam bem alto um escudo nacional e a seguinte tenção nacionalista: «Uma mentalidade Nova fará ressurgir Portugal!...»

Acompanhadas por algumas religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria vinham depois os educandos e as educandas do Recolhimento do Menino Deus e das creches de Santa Maria e D. António Barroso, imediatamente seguidas por uma legião de estudantes de Braga e de Guimarães. Os académicos, agitando as suas capas negras, manifestaram-se perante a tribuna ministerial, aclamando o Estado Novo e o dr. Oliveira Salazar. E repetiram em altos brados o pedido de concessão, de feriado escolar para o dia de amanhã.

Passa, seguidamente, o primeiro carro alegórico, da Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos, ostentando entre motivos de arte decorativa o brasão he-

ráldico da antiga vila ducal. Ouvem-se agora os cânticos das lavradeiras da freguesia de Roriz, transportadas num carro rural, artisticamente decorado com flores silvestres. Manhente é representado de idêntica maneira e, no seu carro regional, ostenta em activa laboração um destilador e um alambique. Arcozelo, debruçada nas margens do Cávado apresenta um dos característicos barcos utilizados para o transporte fluvial das madeiras da região. A tuna de Airó, com o seu instrumental de violas e requintas, harmónios e cavaquinhos, anima um improvisado arraial de descantes e bailados. Em hino de louvor á principal riqueza agrícola da região minhoto, a cidade de Barcelos apresenta, sobre um carro lindamente engalanado, uma padaria, com suas amassadeiras e seu forno em laboração, em cuja porta se distingue o signo cristão da Cruz de S. Vicente.

A freguesia de Aldreu, dominando uma planície fecunda, apresenta a indústria regional de lacticínios. Areias S. Vicente é um cartaz de inteligente propaganda da cerâmica barcelense. Os cesteiros de Igreja Nova passam agora ocupados na faina do seu labor cotidiano.

Alheira e Macieira, com os seus camponios e aldeãs, exibem-se na reconstituição da debulha e da malhada do milho. Os vinhateiros de Midões praticam, com agilidade e perícia, uma cena pitoresca dum «pisada» de vinho verde. As lavradeiras e os cavadores de Balugães e Gual, entre cantigas ao desafio, erguem seus mangüais em «malhadas» de milho. Pode admirar-se depois a riqueza oleícola da freguesia de Mariz, em cujo carro alegórico trabalha a prensa dum lagar de azeite. A freguesia de Barqueiros revela-nos a indústria local do fabrico da telha, cozida num forno primitivo. Os povos do planalto de Cabeceiras e da Serra do Barroso desfilam em larga representação, com as suas mulheres embocadas - as típicas «capuchas» e seus homens, espadaudos e fortes, transportando aos ombros as suas berrantes mantas de lã de variegadas cores. Durães, Ucha, Campo de S. Salvador e Couto de S. Tiago são outras novas alegorias á lavoura. Faria e Vilar de Figos exibem-se também em alegres espadeladas. Tregosa deixa-nos admirar a perícia dos seus torneiros. Santa Leocádia é um episódio rural e Remelhe passa com os seus artífices de cestos de vime. Depois a cerâmica fina de Tamel de S. Veríssimo, com a apresentação de belos exemplares de arte regional.

Contrastando com a «brancura» dos grupos anteriores, passa seguidamente o carro dos carvoeiros das Carvalhas, que, enfarruscados, oferecem aos minis-

tros, como prenda regional, punhados de carvão de urze. Seguem-nos os componentes dum grupo musical, de rostos e de mãos enegrecidas de carvão. E todos se detêm, logo adiante na contemplação do artístico carro de Carvalhal sobre o qual trabalham artistas ingenuos na manufactura de jugos e cangas, decorados com motivos simbólicos de mística religiosidade. Lijó apresenta a sua industria regional de utensilhagem agrícola. O carro de Carapeços transporta enorme bloco de granito da região, sobre o qual alguns pedreiros repetiam, alternadamente, o «pico» dos seus ferros.

Perelhal improvisou uma serração de madeira e S. Pedro de Vila Frescaíña vangloria-se da sua actividade commercial da criação de aves domesticas. Areias de Vilar dá uma nota de bom humor com um grupo de aldeões e aldeãs preparando o cultivo dum meloal. Passa, cheio de erva, um «carro da manutenção». S. Martinho de Galegos apresenta-nos, de acôrdo com a sua lama tradicional, um «rancho» de lindas raparigas, e Courel reconstitui uma «arrancada».

Segue-se a banda bracarense do Orfanato de S. José. Vila Cova é um cantico de louvor á apicultura e á industria do mel. Creixomil oferece-nos laranjas saborosas e succulentas. Adães é um carro rural, com mato e rama de pinheiro. S. Miguel da Carreira reclama as suas industrias regionais de rendas e marcenaria. Vila Boa de S. João é terra de cesteiros, e Goios cultivava o linho. Silveiros mostra-nos um tear manual de tecidos de linho. Negreiros é uma espadelada festiva. Passam ainda os cesteiros de Alvelos e as fiandeiras de linho de Chorento. Os ferreiros de Gamil amoldam nas forjas rubras os ferros das charruas. Grimancelos, de acôrdo com Antero de Figueiredo, ensina-nos que «o pão é tão religioso como o linho...». Silva é uma azenha emoldurada numa paisagem bucólica.

Sequiade é a reconstrução perfeita das aldeias do litoral onde se erguem ainda as brancas velas dos moínhos de vento... A banda barcelense de Oliveira marcha ao compasso dum musica alegre. Rio Covo de Santa Eulalia é um aviario e, ao mesmo tempo um «ninho» de coelhos. As lavradeiras de Santa Eugénia, segando o centeio e a erva, reconstituem um quadro de Millet. A aldeia de Feitos é um redil de ovelhas. As aldeãs de Varzea de S. Bento cantam trovas de amor numa «sedada» de linho. Os agricultores de S. Pedro de Alvito preparam a terra para as sementeiras do milho e do centeio, acompanhados pela sua tuna de dez executantes.

Continua na 3.ª pagina

A RONDA DA MORTE

Não sabemos se ha por ahí alguém de coração duro, insensível á dor e ás desgraças alheias. Desgraça que lançou uma infeliz familia na dor e no luto: luto da alma e dor de coração.

Não sabemos, sim. A nós, porém, comoveu-nos e entristeceu-nos profundamente este trágico drama familiar, que ceifou a vida a uma infortunada menina que contava apenas 17 anos. Cuidado!

Muito cuidado, jovens e donzelas!

A morte, qual sádico vampiro, espreita-vos para vos armar o laço fatal e saciar depois, nos vossos corpos, os seus mordidos apetites...

Ontem, foi um jovem e simpático estudante de vinte anos, de vinte risinhos primaveras; hoje foi uma formosa donzela, uma linda *Madona*, flor de carne em botão a quem um monstro de ferro, a máquina do combóio chegada a Nine, transformou o seu frágil corpinho e o seu rosto grácil em um montão de destroços de carne humana!...

Eis aqui o fim trágico de uma menina, de uma criança, que, como o rouxinol do nosso poeta Bernardim Ribeiro, ainda ha pouco cantava alegre e jovial a alvorada da vida, do amor, da esperança e do seu futuro e já hoje nos fez ouvir o fatidico canto do Cisne...

Lá foi a enterrar na segunda-feira, 27 de Abril a infeliz menina que em vida se chamou Maria Henriqueta Miranda de Oliveira Passos, estudante do 1.º ano da Escola Commercial e Industrial de Braga, sendo acompanhada até á sua jazida pelas suas amigas e colegas, que de Braga lhe vieram dizer o último e sentido adeus.

O funeral da inditosa menina foi muito concorrido, vendo se em todos quantos tomaram parte e assistiram ao seu desfile, desde a Igreja da Misericórdia até ao Cemitério, uma profunda tristeza não podendo muitos impedir as lágrimas que lhes fizera orotar tão horrível desgraça.

Da Igreja ao Cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º — Professores de Braga srs. Rogerio de Oliveira, Dr. Gama Lobo Xavier, Julio Fonseca, Luiz Gonçalves e estudantes José Carlos Ribeiro e Armando Soto-Mayor.

2.º — Colegio de Sant'Ana: — Maria Emilia Torres, Antónia Carmona, Olindina Cardoso, Fernanda Araujo, Fernanda Calheiros e Laura Ferreira.

3.º — Alunas da Escola Commercial de Braga: Carmen Barbosa, Orcelia Carvalho, Leonor Machado, Mauricia Correia, Maria A. Leite e Maria Guelhermina Carvalho.

4.º — Maria José Carvalho, Maria Luiza Esteves, Maria Lidia Braga, Irene Andrade, Justina Cardoso e Maria Bernardete Lopes.

5.º — Maria Laura Santos, Maria de la Salete Santos, Maria Leopoldina Santos, Carolina Fouseca, Lidia Calheiros da Silva e Maria José Ramires.

6.º — Srs. Mateus Candido Santos, Sergio Augusto Santos, José Alves, António Moutinho Rocha, Mateus Lopes dos Santos e Joaquim Maia.

A chave do caixão foi entregue ao professor sr. Padre José Martins Barreto.

Que a alma da chorada menina descanse em paz junto dos Anjos, para com estes cantar as glorias de Deus.

A toda a familia ferida por tão duro golpe os nossos sentidissimos pêsames.

Se aprecia

uma chavena de Chá ou Café, compre-o ou tome-o n' A BRASILEIRA
CAMPO DA FEIRA 35

A FESTA DO TRABALHO

Excedeu do que se esperava, em brilhantismo, imponencia e estensão, a grande Parada Nacional dos trabalhadores do Norte que em Barcelos se realizou no dia Primeiro de Maio, constituida, como fora anunciado previamente, por operários de todas as artes e officios, e da lavoura.

O numero de carros e de grupos de que se compoz o cortejo impressionou vivamente os representantes do Governo e figuras de alta representação social e politica que assistiram ao desfile, que verificaram, mais uma vez, de que é capaz de gente do Norte quando chamada a dar a certeza da sua disciplina e da sua vontade em colaborar, em paz e ordem, no levantamento moral e progressivo da Nação.

Foi do Norte que partiu, na madrugada de 28 de Maio de 26, o gesto patriótico da Revolução Nacional — e é este mesmo Norte, sempre vivendo e enriquecendo-se do e pelo trabalho, que se vem dando aos portugueses de outras regiões impressionantes manifestações de desejo em contribuir para erguer-se cada vez mais alto o prestigio dos que trabalham — na paz e na ordem e na disciplina, que são base segura de progresso e do tão necessário bem estar das classes sociais.

Esta afirmação foi feita muito eloquentemente, e constitue um belo quadro de valor civico, o facto de á frente dos seus operários se terem visto, no cortejo, confundindo o seu entusiasmo com os dos operários, patrões e mestres das fabricas e das officinas, a victoriar o Estado Novo, a saudar Carmona e Salazar, a dar vivas ao Dr. Teotónio Pereira, cooperador activo de Salazar na organização Corporativa do Estado, e ao Dr. Rebelo de Andrade,

continuador, no sub-secretariado das Corporações, da obra encetada ali por Teotónio Pereira.

Homens e mulheres das Fabricas e da lavoura, estas ostentando o seu traje garrido — a sua moda — voltavam-se para a Tribuna de Honra, e saudavam, entusiasmadamente, num á vontade impressionante, os representantes do Governo. E os nomes de Carmona e de Salazar encheram o ambiente daquelas duas horas e meia — tempo que durou o desfile da Parada dos trabalhadores pela Tribuna de Honra!

Não se podem descrever esses momentos de viva alegria, nem o calor das saudações aos homens do Governo!

A Festa Nacional do Trabalho, que Barcelos teve a honra — e agora o orgulho de realizar — marcou, na nova ordem politica e social da Nação, mais um ponto de partida para se continuar a marcha do corporativismo, que agrada aos que de facto trabalham pelo progresso da Nação, e que dá a esta a certeza da sua valorização economica e da paz interna.

O sr. Ministro do Comercio (Teotónio Pereira) viu, e sabe — porque viu, — que a gente do norte secunda, com o entusiasmo e disposição que ele viu, a obra reformadora do Estado Novo; — e com ele também viram — os srs. Ministro do Interior (Dr. Pais e Sousa) e Sub-secretário das Corporações (Dr. Rebelo de Andrade) e todos podem informar Salazar do que viram e da boa massa nacionalista, que é esta gente da nossa região.

Parabens a todos que muito trabalharam na organização do cortejo agricola e industrial, pelo triunfo alcançado.

Marlo Silveira

NOTAS DE LISBOA

27 DE ABRIL

Há oito anos que Salazar tomou posse das Finanças, em hora providencial digna do nosso reconhecimento.

O que a continuidade e a grandeza da acção de Salazar nas Finanças representam para o País, e neste dia devemos recordar com legitimo orgulho de portugueses agradecidos, está patente no engrandecimento de Portugal, que hoje não é só esperança, mas realidade que progride em frutos, através e contra as crises que atormentam o Mundo, e a nós também.

Dia de Salazar e da Nação é este dia — da Nação que, mercê do seu Restaurador, pode crer em si e conjurar os perigos que ameaçam as nações.

Regozijemo-nos, como portugueses e peçamos a Deus que mantenha Salazar no Poder e na vida, para maior bem da Nação.

Cento e vinte e um markistas espanhóis que, após a sangrenta revolução das Astúrias, de 1934, se tinham refugiado na Rússia de Estaline, regressaram ante-ontem a Madrid, á noite. Povilêu da sua feição, organizações operárias, jovens Markistas com as suas flâmulas de amor, e até representantes do Município madrilenho, — tudo isto, que os esperava na estação, formou a seguir ruidoso cortejo de cambulhada para a Câmara Municipal, onde o alcaide Pedro Rico deu as boas-vindas aos camaradas e botou grave discurso. Escuzado é dizer que o andamento da procissão era o da Internacional, executada pela banda da dita Câmara.

Bela Kum, que há dias foi reconhecido em Barcelona por um jornalista francês, declarou satisfeito que o comunismo medra em Espanha, naturalmente, irresistivelmente...

Pelos modos, Bela Kum não se en-

gana, e nós também não.

Pobre Espanha! Gil Robles, prestigioso caudilho da Ceda, afirmou há poucos dias, numa entrevista com o jornal *Ya*, que só um governo nacional e forte pode salvar a sua pátria da desgraça do comunismo, e que esse Governo venha depressa.

Não há dúvida. A salvação de Espanha está no Governo Nacional, acima das divisões partidárias, que ignore e persiga os partidos, e o espirito de partido, seja qual for. Para tanto, não é preciso cair na idolatria do Estado e da força, contrários á dignidade da pessoa humana.

A verdadeira força da autoridade reside no inteligente ajustamento dela com a liberdade, que harmonize as funções próprias, respectivas, no plano nacional, do bem comum, — tal como Salazar o fez, cristãmente, em Portugal, que é um exemplo de ordem.

Afirmou Dimitroff há pouco — que as Frentes Populares são a « fórmula transitória de enorme eficácia » para o triunfo definitivo do comunismo nos povos. Lenine já reconhecia que o comunismo não vai dum dia para o outro, e aconselhava os discípulos a procurar fórmulas conciliatórias.

Aqui tem o leitor o que significam as Frentes Populares, segundo o olho arguto de Moscovo. O comunismo, se não as inspira, mete-se no meio delas, aproveita-as, em obediência á ordem do *Komintern*, e mina-as até que as metá no papo... Azaña já declarou ao jornal russo, de Moscovo, *Ivestia*, que os comunistas são os sinceros amigos da República espanhola. Se isto ainda não é estar no papo deles, parece-o... Pobre Espanha, que não ouves a voz de Gil Robles!

A. da F.

RETRATO-CARICATURA

Isto não vai á guisa de réclame, porque dele não precisa o autor deste novo trabalho artistico, já demasiado conhecido no nosso meio, mercê das lisongeiras e merecidas referencias que este jornal tem feito á sua obra de artista — amador.

É apenas e simplesmente para render os meus agradecimentos bem sinceros ao meu bom amigo Antonio da Silva Esteves, pela delicada lembrança que teve de me oferecer, já encaixilhado e pronto para figurar numa galeria, o meu retrato caricatura.

Foi uma agradável surpresa que muito me sensibilizou. Obrigado.

E não é para me gabar nem tão pouco gabar o autor. Mas estou tão comicamente parecido que só lhe falta falar.

Isto quanto ao fisico, por quanto este pintor-amador soube fazer do seu lapis magico um verdadeiro Kodak.

Quanto á indumentaria tambem nada lhe falta. Lá está o meu chapéu cartola, o meu sobretudo á *marquez*, a minha bengala atraz das costas.

E a pêra? A pêra bi-partida está a pedir musica da nossa revista!...

E agora, muito a sério, pois que de coisas serias se trata. É tristemente lamentavel que, rapazes talentosos como o moço Antonio Esteves, que já deu tantas provas da sua vocação artistica não possa frequentar a Escola de Belas Artes!

Quem tem a culpa da vida parasitaria que este e outros rapazes vão arrastando por aí? Quem lhe corta os vãos da sua vocação e da sua inspiração?

Que responda quem quizer e souber. Por mim só direi que os poetas como os pintores têm uma sensibilidade requintada, cheia de beleza e de puro idealismo, que muita gente não comprehende nem sabe assimilar.

Café Colonial

Cá está outro assunto que pode parecer réclame mas não é; nem ao café nem ao chá... da India.

O progresso em Barcelos é já um facto e não uma hipotese, como pretendem certos derrotistas e varios criticos de malas artes.

O Largo da Calçada, posto-que movimentado, até agora não passava de um centro de cavaqueira insipida e banal, tão banal como os *Clubs* onde a gente se aborrece. O café Colonial, porém, veio dar a este pequeno Chiado um tom alegre e uma fisionomia expressiva que até agora não tinha.

O arranjo das linhas exteriores, posto-que um tanto berrantes, dão ao Colonial um ar de festa permanente.

Mas é sobretudo da decoração interior que eu lhes quero falar. As figuras alegóricas e vários motivos indígenas que ali se acham harmoniosa e sugestivamente pintadas em lindas cores e atitudes bizarras, deram-me a illusoria impressão de uma casa chinesa, onde os fumadores de ópio vão sonhar com um paraizo efémero.

Quem foi o pintor-decorador deste belo cenário?

Foi o jovem pintor Manuel Gonçalves Torres, outro sacrificado que não pode ser profeta na sua terra!...

Quanto ao Café...

Aquilo é tão lindo e confortável, que devia ser destinado ás senhoras e não aos homens. Ou, então, o seu proprietário, querendo contentar a todos, que faça o seguinte aviso-reclame:

«Café para homens e Chá... das 5, para senhoras.»

M. A. Lebreiro

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

BARCELOS EM FESTA

ORDEM E TRABALHO

Continuado da 1.ª pagina

O carro de Minhotães é uma elegoria triunfal à cultura e à tecelagem do linho, desde que a semente é lançada à terra até o bragal da noiva. As moçoilas de Fonte Coberta são doadeiras de linho, cujo fio passa pelos seus dedos como em fusos. A industria dos garfeiros de S. Martinho de Sande fez-se representar largamente por numerosos operarios do seu Sindicato Nacional e da sua Casa do Povo. Passam estandartes e uma banda de musica E as lavradeiras de Vila Seca cantam esta trova popular:

Mocidade, mocidade,
quem a dera ter segura...
Mas a nossa mocidade
--vai depressa e pouco dura...

Barcelinhos é um pomar, com vinha de «enforcado». Sentem-se os ferreiros de Gilmonde, diante das forjas acésas. Frágoso é uma oficina de carpinteiro, afeiçoando os remos e outros utensilios nauticos. Paradela é um moinho, cujas velas, numa alegria caprichosa, imitam a helice de um autogiro. Vêm depois as ceifeiras de Vilar do Monte. A Escola Agrícola de Barcelos ensina prática dos modernos métodos de cultura agrária. Apresenta dois carros. Num deles, um agricultor, alegre e prazenteiro, proclama: «Lavrei fundo: estrumei bem; deitei adubos; escolhi sementes—tenho as tulhas cheias, o gado gordo e a casa farta». Em flagrante contraste, no carro seguinte, um lavrador lamenta-se: «Não estrumei; não deitei adubos; a mulher não me ajuda—não colhi nada, estou desgraçado!».

Presente-se, depois, o apetitoso aroma do pomar de Chavão. Milhazes é um cantico glorioso á sua industria regional de fusos, manejados por um grupo encantador de formosas lavradeiras. Passa seguidamente o alegre rancho das leiteiras de Abade de Neiva. Cambezés é uma oficina de chapéus de palha, e Viatodos uma pequenina fábrica de fiação e tecidos de lã e tapetes regionais. Bastuço é uma tanoaria em laboração. As aldeãs de Moure martirizam o linho no «ripanço». Tamel de Sanfins apresenta-se com a sua industria de tecelagem caseira, e Fornelos vangloria-se com o fabrico impecavel de noras e «estanca-rios». O carro rural de Cossourado reconstitui uma cena típica dos usos e costumes daquela aldeia, estabelecendo o contraste entre a servidão do campónio humilde e a arrogancia e o desdém do proprietário indifferente. S. Martinho de Frescaíña e Mondim são panoramas bucólicos, e Cristelo é terra de pedreiros e mineiros. Martim é um aviário-modelo, e, encerrando a representação regional e agricola, o carro de Santa Maria de Galegos é a confirmação da intuição artistica dos oleiros barcelenses, cujas mãos rudes afeiçoam e realizam, ingenuamente, verdadeiras obras primas da arte popular.

A industria e os sindicatos nacionais

Segue-se a representação da industria e dos sindicatos nacionais de operários do distrito de Braga, cujos componentes—dezenas de milhar de homens e mulheres—ao passarem junto da tribuna ministerial, repetem, com entusiasmo e vibração, calorosas aclamações ao Estado Corporativo, á Patria, a Salazar, ao Trabalho, ao sr. Presidente da Republica e aos ministros presentes.

Desfilam, acompanhados por muitas bandas de musica e numerosos estandartes e bandeiras, os operarios dos Sindicatos Nacionais de Manipuladores de Pão, Chapeleiros, Empregados Comerciais, Metalurgicos, Curtumes, Cutelaria, Industria Textil e associados da Casa do Povo de Lomar. O Sindicato

Nacional dos Motoristas de Lisboa fez-se representar pelos srs. Artur da Silva Gomes e Manuel Inácio Pereira. O pessoal de tracção da C. P. tambem se fez representar, assim como a Associação Comercial e Industrial de Famalicão, Bombeiros Voluntários de Guimarães, de Famalicão e Famalicenses, de Barcelos e Barcelinhos, grupos desportivos do distrito, destacando-se o carro do Club Fluvial Vasco da Gama, desta cidade.

Nesta ultima parte do cortejo incorporaram-se tambem muitos carros alegóricos, de entre os quais o da cidade de Guimarães e os das fábricas de tecidos do Bairro, de Pevidem e de Riba de Ave, seguidos por milhares de operários, superiormente dirigidos pelos respectivos industriais.

O desfile desta enorme legião de trabalhadores assumiu, por vezes, junto da tribuna ministerial, aspectos de imponente grandiosidade, dando ensejo a apoteóticas manifestações de aplauso ao Governo, a Salazar e ao Estado Novo Corporativo.

O concelho de Esposende, dominando uma grande parte do litoral minhoto, fez-se representar, magnificamente, pelo característico rancho dos sargaceiros e varinas daquela terra de agricultores e gente do mar. O desfile garboso dos sargaceiros, de pé descalço e ostentando a sua típica indumentária de «branqueta» e de «sueste», provocou a mais viva curiosidade do publico, que aclamou esse grupo de humildes trabalhadores, que passaram transportando, como utensilios do seu labor, «gravetos», «carrelas» e «redfoles. Como «ex-libris» dos habitantes daquele concelho, seguia, depois, sobre um carro artisticamente decorado, o barco de pesca «Bamos com Deus». Dentro desse barco destacava-se a presença de três autenticos lobos do mar e, encostada á proa, a formosa varina Maria Alice de Jesus—admiravel tipo de beleza, esbelta e sadia. — erguia alto o seu típico pregão de peixeira, oferecendo «o peixe vivo e saboroso do mar bendito de Esposende...».

O aparatoso desfile desta grandiosa «parada do trabalho» terminou cerca das 18 horas, entre delirantes manifestações.

O cortejo foi filmado, em todos os seus aspectos, para figurar, como interessante documentário, no filme nacionalista «Revolução de Maio», realização de António Lopes Ribeiro.

Do alto da tribuna, findo o desfile do cortejo, o sr. ministro do Comércio pronunciou um notável discurso que depois faremos a devida referência.

Condecoração de operários e patrões

Seguidamente, o sr. dr. Teotónio Pereira condecorou com o grau de comendador da Ordem de Merito Industrial o sr. João Duarte Veloso, industrial barcelense, e agraciou com outras insignias da mesma Ordem os seguintes trabalhadores: João Martins, latoeiro; Joaquim Gomes Vilaça, fôrneliro; Antonio da Silva, carpinteiro; Francisco Gonçalves, operário da Fabrica de Fiação e Tecidos; Manoel Monteiro, mecanico; Manoel Linhares, canteiro; João Duarte Gomes de Faria, serralheiro; Antonio Rodrigues de Castro, operário de tecelagem e fiação; Francisco de Carvalho Neves, operário; Antonio de Castro Martins, tipografo; Joaquim de Macedo Correia, oleiro ceramista; Emilio Rodrigues Moreira, empregado comercial.

O sr. dr. Rebelo de Andrade, representando nesta cerimonia o sr. ministro da Agricultura, condecorou depois com as insignias da Ordem do Merito Agrícola os proprietários e agricultores srs. José de Beça e Menezes e Domingos Rodrigues Pinheiro, agra-

ciando tambem: João da Silva Neiva, trabalhador; Manoel Joaquim Francisco trabalhador; Emilio Barbosa Guerra, pescador; Manoel Fernandes, jornalista.

Finalmente, o sr. ministro do Interior, entre calorosos aplausos da assistência, condecorou com o grau de comendador da Ordem de Benemerencia o sr. Miguel Gomes de Miranda, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de Barcelos.

O concurso de Trajo Regional

A Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos organizara, com belo sentido regional, uma interessante exposição e concurso de trajo feminino. A ele concorreram dezenas de raparigas vindas de todos os pontos do concelho, todas garridas, tafues, com suas vestes de lã bordadas por mão paciente durante dias e noites. E trouxeram lenços de côr, que não perderam a beleza no bau arrecadados por alguma sua avó que fora linda e tivera, noutros tempos, a mesma alegria em parecer bem. E ouro guardado para as festas, em filigranas cheia de beleza, corações, cordões e cruzes.

Deram estas raparigas a nota deliciosa, cheia de graça e beleza, do grande dia de festa. Reuniram-se em frente á tribuna de honra, e ali um juri, constituído pelos srs. dr. José Ataíde, Antonio Ferro e o pintor José Luiz Brandão, procedeu á escolha das premiadas. Foram classificadas: em primeiro lugar Arminda da Costa Arantes, de Carapeços; em segundo, Rosa Fernandes de Oliveira, de S. Vicente de Arcias, e em terceiro, Maria Lexinda Pedras, de Barcelos, que receberam valiosos objectos de arte. Muitas das entidades presentes visitaram, depois, o pavilhão da comissão local de Iniciativa e Turismo, onde eram fornecidas excelentes monografias sobre a cidade, suas belezas naturais e monumentos. Um modelo apresentava o curioso e característico trajo regional que serviu de termo de comparação para o concurso realizado.

Uma interessante exposição industrial

Seguidamente—18 horas em ponto—os srs. ministros presentes e sub-secretario de Estado das Corporações dirigiram-se para o elegante edificio da avenida Dr. Oliveira Salazar, onde, por sugestão da Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos, se fez a inauguração da Grande Exposição Industrial—interessante e valioso mostruario das possibilidades da industria do concelho.

Ao acto inaugural assistiram, além dos srs. ministros e sua comitiva, os srs. Antonio Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional; dr. José Ataíde, representante do Conselho Nacional de Turismo, as autoridades locais e muitas pessoas, dentre as quais se destacava grande numero de estrangeiros, principalmente espanhóis, de passagem em Barcelos.

A cerimonia foi simples. Cortada a fita simbólica pelo sr. ministro do Comercio, as individualidades presentes visitaram permenorizadamente a exposição, acompanhadas por delegados da Comissão de Iniciativa e Turismo. O certame, distribuído em secções nos três pavimentos do edificio, tem um interesse excepcional e dá-nos bem a medida do que pode e vale a industria regional portuguesa. Ali se vêem interessantes trabalhos em madeira, mobiliario elegante e moderno, rendas que mãos caprichosas e pacientes souberam fazer e dar-lhe beleza, fotografias modernas de arte, com bom sentido turistico, barros e louças

de fina modelação e lindas cores e maravilhosos trabalhos de ceramica, do melhor que se faz em Portugal e do mais lindo que olhos portugueses tem podido admirar, a competir com o que se faz lá fora, e arte decorativa moderna.

Grupos garridos de raparigas, trazendo fatos regionais, dispersavam pelas salas, indicando o fabrico dos objectos ali expostos e manufacturados até alguns deles.

Noutros locais estavam expostas as edições das livrarias editoras de Barcelos, sobretudo livros didácticos de boa apresentação e escolhido texto, bordados, lindos bordados da região, fabricados em larga escala e para grande venda, meias de seda e outros objectos de vestuário para senhora, e algodões de cores variadas das fábricas locais e até trabalhos de escultura e gravura em madeira, alguns de carácter religioso e de perfeição extrema.

Ali se viam tambem interessantes produtos agricolas com embalagens especiais.

Os visitantes retiraram-se excelentemente impressionados com o certame, que muito apreciaram, e que foi depois franqueado ao publico. Durante a tarde e a noite foi grande ali a affluencia de pessoas, registando-se grande numero de vendas.

No banquete de gala proferiram-se interessantes afirmações políticas

A' noite, realizou-se, no salão nobre da Camara Municipal, o banquete de gala, a que assistiram 150 pessoas. Nomes conhecidos e em destaque nos meios do Pôrto e de Braga e muitos officiais do Exército.

Presidiu o sr. dr. Mário Paes de Souza, illustre ministro do Interior, que tinha á sua direita o sr. dr. Teotónio Pereira, ministro do Comercio e Industria, e á sua esquerda o sr. dr. Rebelo de Andrade, Sub-secretario de Estado das Corporações e Previdencial Social. Na mesa de honra tomaram tambem lugar os srs. Miguel Gomes Miranda, presidente da Camara Municipal; capitão Lucínio Preza, governador civil de Braga; dr. Fernão Couceiro da Costa, governador civil do Pôrto, e o rev.º Rios Novais, representante do sr. arcebispo primaz de Braga. Tomou tambem parte no banquete, que decorreu num ambiente de fraterno convívio, a sr.ª D. Maria José Novais, procuradora da Assistentia Pública á Camara Corporativa.

Aos brindes pronunciaram-se vários discursos.

Falou em primeiro lugar, o sr. presidente da Camara Municipal, que, cumprimentou os membros do Governo e agradeceu, em nome dos barcelenses, a sua vinda a esta cidade. Grande dia para Barcelos—disse—foi o de hoje. E grande honra para a cidade é a presença aqui de tão elevado numero de officiais do Exército. Este Exército que fez a revolução de 28 de Maio e para quem foram tambem as palmas que coroaram a passagem do Cortejo do Trabalho. Fez o elogio da perseverança e força de vontade dos homens do distrito de Braga e, a propósito, citou o facto de já por três vezes ali se realizar a Festa do Trabalho Nacional—em Braga em Guimarães e, agora, em Barcelos.

Terminou fazendo justiça ao esforço dos srs. drs. Miguel Fonseca e Matos Graça e João Cruz, realizadores da brilhante parada das manifestações economicas e regionais aqui realizada. Por fim, agradeceu a condecoração com que foi agraciado pelo Governo.

Duas manifestações ao Governo

Neste momento, entrou na sala

um grupo de estudantes barcelenses, que irrompeu aos vivas aos membros do Governo presentes, saudando nelles o sr. general Carmona e dr. Oliveira Salazar. Na rua, um grupo de populares, empunhando fachos luminosos de côr, saudou, também, com frenético entusiasmo o nome daqueles dois homens de Estado e dos srs. drs. Mario Pais de Sousa, Pedro Teotónio Pereira e Rebelo de Andrade.

O sr. ministro do Comercio e Industria assomou a uma das janelas, agradecendo. A manifestação foi então mais estrondosa, apoteotica, e prolongou-se por alguns minutos.

Falaram em seguida, os srs: Emilio Moreira, pelos Sindicatos Nacionais; dr. Henrique Cabral, delegado do I. N. T.; o sr. dr. Pires de Lima; o sr. capitão Lucínio Prêsa; a D. Maria José Novais e por último o sr. ministro do Interior.

Todos os discursos fôram muito aplaudidos, sendo justo destacar o da sr.ª D. Maria José Novais, que foi vibrante e o do sr. ministro do Interior que foi notavel e com importantes afirmações.

O arraial nocturno

Ao principio da noite o largo da feira appareceu transfigurado pelos milhares de lumes e balões num grande recinto de diversões. Ali se realizou um interessante festival nocturno que depois se alargou, em alegria esfuante, até ás ruas da cidade e á ponte de Barcelinhos.

Na avenida Dr. Oliveira Salazar fez-se ouvir, com agrado, o Rancho Minhoto.

No largo da Feira instalou-se uma feira popular que teve larga concurrencia.

As bandas do regimento de Infantaria 3, de Gueifães da Maia e dos Bombeiros de Esposende e Barcelinhos deram ali concerto. Foi queimado um vistoso fogo de artificio.

E toda a noite se folgou e houve uma cantiga fresca e um harmonio para dançar...

Bodo aos pobres

No dia 2, na Cêrca do Hospital, foi distribuido um bôdo aos pobres, conforme annunciámos, pelo sr. Administrador do concelho.

Os contemplados, em número superior a 1.000, receberam arroz, bacalhau e boroas de pão milho.

Batalha de Flôres

A Batalha de Flores, foi um número de grande realce das Festas. Batalhou-se animadamente e o número de carros atingiu, quasi duas dezenas.

A' noite, houve novamente arraial nocturno, tendo-se queimado vistoso fogo de artificio.

Feira franca

Esteve concorridissima. Barcelos, nesse dia, teve um número extraordinário de visitantes. As filas de automóveis eram intermináveis.

Fôgo do rio

O fôgo aquático foi lindissimo.

E a iluminação de tijelinhas nas margens do Cávado, apresentava um efeito surpreendente.

Pena foi que o temporal que se desencadeou, quasi ao terminar o fôgo, obrigasse a enorme assistencia, que presenciava o último acto das maravilhosas Festas das Cruzes de 1936, a debandar apressadamente.

Eis pois, quasi sem comentários e ao correr da-pêna, o registo dos principais acontecimentos das Festas da Cidade.

O oitavo ano da gerência financeira do Sr. Dr. Oliveira Salazar

O dia 27 de Abril fica na nossa história a assinalar o início do ressurgimento nacional. Foi nesse dia que, em 1928, o sr. Dr. Oliveira Salazar assumiu o cargo de Ministro das Finanças. Logo nos seus primeiros e concisos discursos marcou, mais que um plano financeiro, um plano político. Teria sido inútil o esforço exigido á Nação para se submeter a uma disciplina rigorosa se o pensamento que passou a orientá-la se restringisse ao simples fim de um equilibrio orçamental alcançado por meios legítimos, sem ao mesmo tempo garantir a firme resolução de que não mais se reproduzissem as causas que, durante um século, fizeram a ruína da Nação. O Sr. Dr. Salazar foi o grande reformador que veio restituir á alma nacional a consciência dos seus próprios destinos.

Em oito anos de administração financeira é difícil já especificar o que em cada sector da vida pública e da economia nacional deriva do trabalho imenso, paciente, tenaz e sapiente do Ministro das Finanças. Através da mais tremenda crise económica que jamais se fêz sentir pudemos realizar o nosso ressurgimento e refazer-nos dos desgastes da política insensata e perulária que nos tinha colocado á beira de um abismo.

No dia solene em que passe o oitavo aniversário da posse do Dr. Oliveira Salazar, interessa recordar os factos mais importantes da administração financeira do último ano.

Contabilidade pública. O ano económico passou a coincidir com o ano civil. Para esse efeito prolongou-se a gerência de 1934-35 até Dezembro.

A lei de meios foi submetida á Assembleia Nacional, que a aprovou.

O Orçamento para 1936 foi pontualmente publicado. Nele figuraram os novos quadros do funcionalismo civil e as dotações consignadas á execução do plano de reconstituição económica. Estas últimas compreendem, além de cerca de 300 mil contos que figuram nas despesas ordinárias, 484.300 contos de despesas extraordinárias, com applicação ao rearmamento do Exército, reorganização do Marinha de Guerra e Aeronautica Naval e obras de fomento.

O Orçamento ordinário mencionou receitas no valor de 1:925.364 contos e despesas de 1.923.412 contos, havendo, pois, um saldo previsto de 1.952 contos. É o oitavo orçamento que, seguidamente, se apresenta equilibrado.

As despesas extraordinárias foram fixadas em 663.744 contos, dos quais se destinaram 179.445 a amortização dos empréstimos de portos e caminhos de ferro. As receitas extraordinárias mostram-se constituídas pelo produto da venda de materiais dos Caminhos de Ferro do Estado (1.689 contos), pelo produto da venda de títulos (454.055 contos) e pela parte dos saldos das contas dos anos económicos findos, especificadamente para despesas militares, construção do Estádio de Lisboa, monumentos, hospitais e melhoramentos rurais. Por esta forma, o recurso ao crédito fêz-se exclusivamente com applicação a despesas reprodutivas de valorização económica.

Para o rearmamento do Exército fixaram-se 500 mil contos a dispender em cinco anos, dos quais 150 mil no ano corrente.

Foram também reorganizados os serviços do Tribunal de Contas com o fim de dar a este organismo de fiscalização a maior eficiência.

Dívida pública.—Aprovada pela Assembleia Nacional a proposta de lei reformando os serviços da dívida pública

e promulgando o respectivo diploma, por ele se melhorou, simplificou e acautelou esse delicado instrumento da vida financeira da Nação.

Foi decretada a amortização do empréstimo de 6%, 1932-35 (caminhos de ferro).

Com a aprovação da Assembleia Nacional foi autorizada a emissão de um empréstimo consolidado, com o juro de 3 3/4% de 500.000 contos, em séries de 100.000 contos.

A dívida flutuante continua a acusar saldo crédor, que em 30 de Novembro do ano findo se elevava a 771.034 contos.

Contribuição predial urbana.—Desaggravamento tributário pela redução da taxa. A incidência passou a ser sobre o valor das avaliações. A parte da contribuição relativa aos valores excedentes das rendas efectivamente pagas, em virtude das restrições das leis de inquilinato, constitui encargo dos inquilinos nessas condições.

Com isto não se procurou aumentar o rendimento do imposto, mas tão somente fazer melhor justiça fiscal.

Na mesma base se corrigiu a sisa e a contribuição de registo, acautelando a situação especial dos prédios sujeitos a limitação de rendimento.

Funcionalismo.—A disparidade de vencimentos proveniente e sucessivas reformas e de remunerações por emolumentos exigia um trabalho de revisão e sistematização que o Ministro das Finanças preconizara já em 1929. Só o poderia realizar quem possuísse invulgar coragem moral. Iam ferir-se interesses adquiridos, mas havia que fazer justiça, pondo termo a situações imorais e estabelecendo remunerações condignas da categoria e responsabilidade dos funcionários. Foram remodellados os quadros, adequando-os ás necessidades dos serviços e estabelecendo normas para o recrutamento do pessoal. Regulamentaram-se as acumulações.

A reforma abrangendo 25.588 funcionários foi feita com ligeiro acréscimo de despesa.

Ao mesmo tempo, providenciou-se sobre a aposentação dos funcionários, dando á respectiva Caixa de aposentações os meios de se constituir como organismo que não representasse um encargo parasitário para o Estado.

Foi tornado extensivo o direito de aposentação aos contratados e assalariados dos quadros fixos dos serviços públicos.

Aos assalariados do Estado foi reconhecido o direito de gozarem de licenças e de receber vencimentos quando doentes.

Defesa económica.—Foram promulgadas medidas tendentes a proteger, se necessário, a balança comercial contra os países que, por disposições legislativas ou de outra natureza, pretendam dificultar a importação de mer-

Chefe de Conservação dos Serviços Hidráulicos

Por aposentação do sr. Moura Coutinho, Chefe de Conservação dos Serviços Hidráulicos, com sede nesta cidade, acaba de ser transferido de Lamego, para preencher a vaga, e nosso amigo sr. Manuel Teixeira.

CALDO VERDE

Na barraca da Conferencia de S. Vicente de Paulo (senhoras) que todos os dias funciona na feira das barracas com a venda de café, chá e bebidas, ás quintas-feiras e domingos, á meia noite, vende-se também caldo verde.

MANOEL PEREIRA

Na madrugada de segunda-feira, faleceu repentinamente o proprietário da Pensão Commercial, sr. Manoel Pereira, casado com a sr.ª D. Augusta Silva, genro dos srs. Manuel Faria da Silva e cunhado dos srs. Armando, Sérgio e António Silva, Emilio Vinagre, José Perestrelo e Manuel Pacheco de Carvalho.

O finado que contava apenas a idade de 37 anos, deixa dois filhos.

O funeral, realizado na última terça-feira, do templo do Senhor da Cruz para o cemitério municipal, foi uma importante manifestação fúnebre.

—A toda a familia enlutada, apresentamos os nossos sentidos pêsames.

cadorias portuguezes, dado que em Portugal nehumas dificuldades são postas ao comércio exterior nem á aquisição de divisas para o pagamento de compras no estrangeiro.

Outros medidas.—Foi criado o Instituto Nacional de Estatistica com atribuições para uma completa acção de investigação económica.

Regulou-se a forma de contabilizar os juros dos depósitos da Caixa Económica Portuguesa que, por erradas interpretações, não constituíam, desde 1914, encargo do ano a que diziam respeito.

Este breve enunciado de actos de administração pública precisaria de ser completado com os resultados que deles e dos praticados nos anos anteriores advieram para o interesse público. Nesse capitulo encontraríamos a série extensa dos benefícios que se traduzem nos indices da vida económica que, não só pelo confronto com o que se passa noutros países, exprimem bem eloquentemente a posição excepcional que ocupamos. O que se fêz dispensou todo o auxilio externo. O nosso crédito no estrangeiro firma-se indefectivelmente e podemos orgulhar-nos de ser olhado com admiração.

Na hora apreensiva e perturbadora que o Mundo actualmente vive, devemos, com plena confiança, merecida pela obra que o nosso Ministro das Finanças e Chefe do Gonêrno tem realizado, formar á sua volta um bloco uno e solidário, pondo a servir com entusiasmo sob o comando do grande português que não só levantou o país da antiga decadência mas o engrandeceu e o tornou apto a afrontar vitoriosamente a crise universal que é um pesadelo para tantos outros povos.

LARANJINHA BOM JESUS

(NATURAL)



CONTÉM O SUCO DA LARANJA E TODAS AS VITAMINAS DE FRUTO FRESCO

CERVEJAS



AVIZ, TOPAZIO E PEROLA

CIDRALIA



DELICIOSO REFRIGERANTE DE VINHO BRANCO

À venda em todos os bons estabelecimentos

Depósito em Barcelos—MERCEARIA MACIEL

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

PAGINA DO CONCELHO

Macieira, 2

No dia 29 do mês findo, ás quatro horas, faleceu nesta freguesia, com a idade de 80 anos o importante proprietario Manuel José Francisco Padrão.

Deixa fundas saudades na freguesia porque era um daqueles homens que simbolizam o antigo lavrador cheio de probidade, character e dignidade, que se impunha ao respeito e veneração de todos, e que já hoje são poucos, com magua somos forçados a reconhecê-lo.

A seus genros e filhos queridos o sentimento do nosso pesar.

O seu funeral, que teve logar no dia seguinte, foi uma prova do que acima acabamos de lembrar pela concorrencia dos seus numerosos amigos, qua assim lhe quizeram prestar a ultima homenagem da muita consideração que por ele tinham, ao mesmo tempo transmitida a toda a sua familia.

O seu officio realisou-se com 15 sacerdotes só, porque mais não poderam comparecer.

Não deixaremos de frisar com muita satisfação, que vai lentamente introduzindo-se o santo costume, de não faltarem á missa as pessoas da familia em luto, e oferecem a santa comunhão pelo falecido insepulto.

Já são, pelo menos, 5 familias que ultimamente assim teem procedido, se bem nos recordamos, notando-se que serão mesmo mais, pois não tomamos nota. Que Deus faça frutificar o bom e santo exemplo.

—No mesmo dia 29, ás 15,55 horas sobrevoaram esta freguesia três aviões biplanos que, vindo dos lados de Braga, tomaram a direcção da Povoia de Varzim.

—Apresentou-se bem esta freguesia

no Cortejo do Trabalho Agrícola de Barcelos. Não só o carro que honra o artista que o edeou e acabou, mas o pessoal sob a direcção do nosso amigo *Cerqueira* abrilhantaram grandemente aquele Cortejo. Aquelas jorras *feiticeiras* manejavam com tanta naturalidade os seus malhos, vassouras e caneca do vinho, que davam a impressão de, á vontade, estarem nas suas eiras. Os nossos parabens.

—Na 6.ª feira principiou a fazer-se o mês de Maria.—C.

Carvalho, 3

Esteve aqui, em serviço de fiscalisação ás moedas, um fiscal de Lisboa, que se fazia acompanhar do sr. Francisco Araujo, estimado empregado da nossa Administração do Concelho.

—Alem da «Caixa dos 20 Amigos», trabalha-se para a formação da «Casa do Povo». Boa ideia. Não esmoreçam todos quantos para isso trabalham.

—Tiveram o seu nascimento duas creanças, uma filha da sr.ª Maria Lopes e outra da sr.ª Maria Gomes Gonçalves.

—No dia 26 do mês passado foi, de uma forma que só visto, muito visitada a Senhora da Franqueira. Talvez isso devido por sêr o primeiro domingo de ha 6 meses a esta data de optimo tempo.—C.

Areias S. Vicente, 4

Prémio ao Trabalho. Glória ao mérito. Pelo Governo do Estado Novo, na Festa do Trabalho, em Barcelos, foi agraciado, com o officialato de Mérito Industrial, o pbro e honrado industrial

desta fréguesia Joaquim de Macedo Corrêa. Justiça foi feita.

Para quem tem levado uma vida de calor constante era justo que êle fosse retribuído. O quanto valeu e vale a sua actividade industrial que o digam êsses vários operários, que tanto em Portugal como além-mar, provam o quanto valiam e valem as suas instruções.

De lastimar é que não fôsem também agraciados êsses inegualáveis cerâmicos desta fréguesia que se chamam Francisco de Souza e João de Macedo Corrêa. O quanto êles valem digam-no os *stands* que estão na exposição. Honra ao condecorado e aos outros pela forma como sabem dignificar a sua fréguesia. Estamos bem certos que êsses milhares e milhares de pessoas que visitaram Barcelos nos dias das suas inseparaveis festas ficarão bem impressionados dos progressos que tem feito esta fréguesia respeitantes á cerâmica e olearia. Neste ramo industrial ha verdadeira intuição artistica.

—No dia 2 recebeu as aguas purificadoras do Baptismo a menina Lucinda, filha extremecida do sr. José Domingues Coelho e Rosa Serafim de Figueiredo

—Fazem anc—a 8 João Gonçalves Domingues e Luisa Narcisa de Ventura; a 9 Manuel Joaquim Lopes; a 11 Maria José Fernandes, Amado Macedo e Tereza Gonçalves de Oliveira; a 12 Maria Mecia Pereira Lopes e Elvira de Ventura Fernandes; a 13 Manuel Serafim de Faria, Adelino do Vale, Fernandes Torres, José Carlos de Macedo Corrêa e Tereza Gomes Coreixas Fernandes.

—No proximo domingo terá logar na Igreja Paroquial a Adoração ao S. Sacramento.—C.

Santa Leocadia, 5

Começaram os exercicios do mez de Maria, que se teem celebrado de tarde.

—Agente do campo anda agora, com estes lindos dias de lindo sol, atarafada com a *faina* da lavoura, que a obriga quasi a trabalhar de dia e noite.

—Como em outras correspondencias, mais uma vez vimos lembrar a necessidade que ha de uma estrada que atravesse esta freguesia. Se não uma estrada nova, porque isso custa muito dinheiro, pelo menos do caminho existente adaptal-o a estrada.

Assim, como estamos, sem sitio por onde passe um carro, não estamos bem. E' preciso pensar, que se um dia fôrem precisos, por exemplo, os socorros medicos com urgencia, os Bombeiros para apagar um incendio, eles não podem vir aqui, por não termos por onde passe um carro. Pense quem direito neste melhoramento.

—Estão nesta freguesia os recibos do «Noticias de Barcelos» respeitantes aos assinantes desta freguesia. Logo que seja possivel é favor liquida-los.—C.

Remelhe, 4

Esteve aqui, de visita aos seus, o estudante do Liceu Antonio Pinheiro Barroso.

—Foi para o Rio de Janeiro o sr. Mateus de Brito, filho do sr. Manoel José de Brito. Muitas felicidades é o que lhe desejamos.

Os gatunos, entrando na casa do negociante desta freguesia sr. Mateus da Silva Brito, roubaram-no, levando-lhe varias cousas. Cuidado com estes *figorões*.—C.

AS CASAS DO POVO EM ACÇÃO

E' curioso observar na provincia o desenvolvimento das Casas do Povo e os serviços que já hoje elas prestam ás populações campestres. O conhecimento directo que temos do assunto e os relatórios publicados pelos inspectores elucidativos.

Não ha duvida que a iniciativa das Casas do Povo foi das mais felizes entre tantas creações do Estado Novo e que as populações interessadas receberam a ideia com o possivel carinho.

Como é sabido a estas modestas instituições corporativas foram confiadas diversas funções dentro do meio restrito em que têm de trabalhar: — a freguesia.

A principal dessas atribuições é a previdencia para os casos de doença, invalidez e desemprego. E assim, a quasi totalidade das Casas do Povo já criadas têm em pleno funcionamento a sua Caixa de Previdencia. Para tal muito contribuíram as garantias e facilidades concedidas pelo Governo. Na verdade, as Casas do Povo recebem logo de inicio o subsidio de 5.000 escudos destinado exclusivamente a esse fim, afóra a cota a que são obrigadas as pessoas residentes na freguesia que disponham de meios suficientes. Isto explica a preferencia dada pelas Casas do Povo ás Caixas de Previdencia.

Todavia, já o dissémos, as Casas do Povo têm outras atribuições que abrangem serviços de instrução, educação fisica, assistencia e melhoramentos locais.

Os relatórios dos inspectores põem em evidencia os esforços levados a cabo em cada um destes serviços ou as preferencias dos seus dirigentes que são quasi sempre ditadas pelas necessidades mais imperiosas.

Algumas Casas do Povo dedicaram-se primeiro a crear uma séde que ofe-

reça comodidades e atrações aos seus associados. Não é inutil uma tal iniciativa. E' necessário que o povo trabalhador da freguesia esteja em contacto, que reconheça e desenvolva o espirito associativo. Ha muitas cousas que só é possivel realizar pela associação, pela conjugação de esforços. E as proprias diversões proporcionadas pela Casa do Povo não são a menor contribuição para a saude moral do povo da freguesia.

Registam-se aqui e além por intermédio da Casas do Povo certos melhoramentos locais de importancia, como reparação de estradas e caminhos, abastecimento de aguas, construções de pequenos edificios para beneficios colectivos, etc. Algumas abriram já aulas noturnas ou diurnas, outras constróem os seus campos de jogos para educação fisica da mocidade, outras adquiriram aparelhos de telefonia e ha as que pensam em abrir o seu cinema.

Todas estas manifestações de actividade das Casas do Povo são proveitosas á vida local. Mas mais do que isto parece-nos que devemos colocar em primeiro a função conciliadora que estão exercendo estas instituições. Nas Casas do Povo vêm-se trabalhando para fins comuns patrões e operários, proprietários, rendeiros e simples assalariados agricolas. As Casas do Povo significam antes de mais nada o melhor esforço que se haja feito em qualquer parte para extinguir o espirito da luta de classes, para levá-las, pelo contrário, a um sincero trabalho de cooperação social.

Por isso a todos os nacionalistas compete acarinhar e auxiliar dentro das suas possibilidades estas modestas mas utilissimas instituições do Estado Novo.



MANUEL AUGUSTO DE ARAUJO PASSOS

ENSAIADOR-ANALISTA E AVALIADOR OFICIAL DA COMARCA DE BARCELOS PELA CASA DA MOEDA.

(CONTRASTE)

Avaliador da Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia

Ourivesaria e Relojoaria

Laboratório de ensaios químicos de metais preciosos

RUA D. ANTONIO BARROSO E LARGO JOSÉ NOVAIS (esquina)

BARCELOS

BLOCO BARCELOS, S.A.R.L.

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE (FDNE 27—BARCELOS 4775—PORTO)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, **Fabrica de Serração** soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— MOVEIS E DECORAÇÕES —

EDITAL

António Pedrosa Pires de Lima Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, Funcionário Recenseador do Concelho de Barcelos:

FAÇO SABER: Que o recenseamento eleitoral para o ano

corrente, se encontra exposto na Secretaria da Camara, desde o dia 11 ao dia 15 de Maio corrente, para efeitos de reclamação.

Barcelos e Camara Municipal, 4 de Maio de 1936.

O Funcionário Recenseador:
António Pedrosa Pires de Lima

BANCO DE BARCELOS

S. A. R. L.

RELATÓRIO, CONTAS E PARECER DO CONSELHO FISCAL EXERCICIO DE 1935 (61.º ANO SOCIAL)

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, temos a honra de submeter á vossa apreciação e aprovação, o Balanço e as Contas do exercicio de 1935, último do triénio do nosso mandato.

No decorrer daquêlê ano descontaram-se 5.050 letras sobre a praça no montante de Esc. 4.149.818\$35 e mais 1.162 letras sobre diversas praças no montante de Esc. 1.505.321\$03; e tomaram-se 1.502 letras á cobrança sobre Barcelos e outras terras, no montante de Esc. 1.689.396\$65.

As Contas Correntes e Empréstimos Caucionados movimentaram: entradas, Esc. 3.335.882\$15; e saídas, Esc. 3.001.168\$40. A Caixa movimentou: de entradas, Esc. 11.536.859\$10; e de saídas Esc. 11.606.503\$20.

O movimento global de letras foi superior ao verificado em 1934, em número e em escudos.

Não houve alterações sensíveis, nem de valores nem de operações. A carteira de títulos foi aumentada, mas diminuindo o volume das contas caucionadas, operação que se considerou de vantagem para o Banco.

A Conta de Lucros e Perdas encerrou-se com o saldo de Esc. 124.786\$40, para o qual propomos a seguinte aplicação:

Dividendo de 5% cativo dos impostos legais	100.000\$00
Fundo de Reserva Legal	10.000\$00
Fundo de Reserva para corrigir valores sociais	10.000\$00
Conta nova	4.786\$40
	<hr/> 124.786\$40

Barcelos, 15 de Fevereiro de 1936.

O Conselho de Administração:

JOAQUIM PAES DE VILAS-BOAS
MIGUEL FONSECA
JOÃO DE SOUSA

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1935

ACTIVO

Caixa:		
Dinheiro em cofre	119:351\$39	
Depositado noutros Bancos	138:511\$40	257:862\$79
Carteira de títulos		356:581\$00
Carteira Comercial		1.365:591\$38
Contas Correntes e Empréstimos Caucionados		785:481\$49
Agentes e Correspondentes no País		131:597\$32
Devedores e Credores, M. N.		1.429:619\$19
Participações Financeiras		28:750\$00
Imobilizações		91:037\$85
Valores de Conta Alheia		1.506:857\$20
Valores em Caução		2.344:490\$53
Devedores por Garantias e Avais prestados		15:000\$00
Contas em Litigio		534:656\$25
Contas interinas		212:317\$56
Accionistas		7:120\$00
		<hr/> 9.066:962\$56

PASSIVO

Capital		2.000:000\$00
Fundos de Reserva:		
Legal	170:000\$00	
Especial para corrigir Valores Sociais	110:000\$00	280:000\$00
Depósitos em Moeda Nacional:		
À Ordem	435:638\$78	
A Prazo de 3 e mais meses	1.952:330\$17	2.387:968\$95
Letras a Pagar		100\$00
Exigibilidades Diversas-Dividendos a Pagar		27:804\$00
Credores por Valores de Conta Alheia		1.506:857\$20
Credores por Valores em Caução		2.344:490\$53
Garantias e Avais prestados		15:000\$00
Contas Correntes e Empréstimos Caucionados		138:223\$04
Agentes e Correspondentes no País		52:380\$96
Devedores e Credores, M. N.		23:254\$18
Contas em Litigio		11:544\$77
Contas interinas		149:552\$53
Lucros e Perdas		124:786\$40
		<hr/> 9.066:962\$56

Barcelos, 31 de Dezembro de 1935.

O CHEFE DA CONTABILIDADE

José das Neves Ribeiro de Magalhães

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Joaquim Paes de Vilas-boas
Miguel Fonseca
João de Sousa

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Juros abonados	122:121\$09
Contribuições	24:896\$95
Comissões abonadas a Correspondentes	3:006\$03
Despesas Gerais	136:591\$43
Prejuízos em outras rubricas	216\$60
Lucro Líquido	124:786\$40
	<hr/> 411:618\$50

CREDITO

Saldo de conta antiga	9:815\$97
Juros Cobrados	148:339\$19
Comissões Cobradas	16:391\$05
Resultados em títulos de crédito	3:637\$00
Dividendos e juros de títulos de crédito	4:674\$99
Rendimento de Participações Financeiras	47:499\$31
Lucros em outras rubricas	181:260\$99
	<hr/> 411:618\$50

CARTEIRA DE TÍTULOS

25	Obrigações do Fundo Externo Português de 3%, 1.ª série a 1.670\$00	41:750\$00
83	Obrigações da Câmara Municipal de Barcelos, de 6% a 50\$00	4:150\$00
3.097	Acções da Companhia Editora do Minho a 100\$00	309:700\$00
20	do Banco do Alentejo, a 48\$00	960\$00
20	da Companhia Metalúrgica do Norte, a 1\$00	20\$00
14	da The Match and Tobacco Supley C., por	1\$00
		<hr/> 356:581\$00

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Verificado que o movimento das principais contas do Banco de Barcelos foi aquêlê que vos relata o Conselho de Administração e que as contas do Balanço apresentam os saldos aí indicados, o vosso Conselho Fiscal é de parecer que o Relatório, o Balanço e as Contas e a proposta do Conselho de Administração merecem a vossa aprovação.

Por o entender de justiça, o vosso Conselho Fiscal propõe que aprovéis um voto de louvor aos administradores do Banco, merecido pela cautelosa e prudente gerência e ainda pela forma como tem sido mantido o bom nome desta já velha instituição de crédito, que muito auxílio tem prestado á região

Barcelos, 4 de Março de 1936.

O Conselho Fiscal

AUGUSTO MATTOS LOPES D'ALMEIDA
FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO TORRES
JOÃO DUARTE VELOSO

AS BOLACHAS

"Villares"

são Bolachas
porque são

"Villares"

A' venda em toda a parte

VISITEM O GRAN-
DE E LUXUOSO

Salão de Chá

DA

Confeitaria "VILLARES,"

RUA FORMOSA—PORTO

CEVADA PURA

KILO 2\$00

N'A BRASILEIRA

A casa que melhores chás
e cafés vende.

PEQUENA MOAGEM

Montada com os melhores
aperfeiçoamentos modernos,
com um motôr « Semi-Diesel »
a oleos pesados, vende-se, com
o respectivo alvará. Nesta Re-
daccão se informa.

José Perestrelo

Largo José Novais BARCELOS

Automoveis de aluguer

Oleos e gasolinas